Quem é aquele? Eu sou aquele? As sombras de Sancho Silva

Effigiae, a primeira exposição individual de Sancho Silva em Lisboa, é uma crítica à degradação da visão e um resgate das sombras que habitam o mundo real. Na Kunsthalle Lissabon

Exposição
José Marmeleira

A entrada para a sala de exposições da Kunsthalle Lissabon (KL) desapareceu. No primeiro andar deste espaço na Avenida da Liberdade, em Lisboa, um espelho barra-nos a entrada e desorienta-nos. Onde estamos?

Sentida a experiência física, uma tensão apodera-se de nós. Eu sou aquele? É assim que me vêem? Entretanto alguém aponta para uma porta de serviço e sussurra: "Entra-se por aqui." Entramos e descobrimos que o espelho é afinal um vidro espião. Agora somos nós que vemos o escritório da KL. Vazio ou ocupado.

A peça descrita, que apresenta analogias com os trabalhos anteriores do artista, é parte integrante de *Effigiae*, a primeira exposição individual do artista em Lisboa, que fica até ao final do mês.

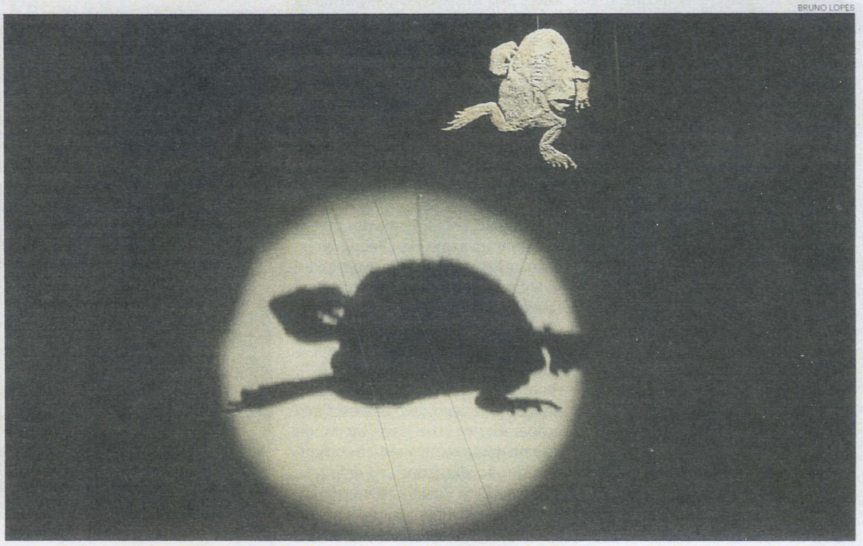
Rearticular o espaço, fazer construções que lidam com a percepção, pensar e interrogar as modalidades receptivas da visão são princípios que têm orientado o trabalho de Sancho Silva (Lisboa, 1973). Recordemos *Scanner* (2000), estrutura no interior do qual espectador via apenas um segmento da paisagem envolvente, ou *Gazebo* (2002), apresentado na bienal europeia de arte contemporânea Manifesta 4, onde a partir da rua os visitantes entravam num *bunker* de madeira e daí "vigiavam" todo o espaço da exposição.

Regressemos às sombras. Uma lente projecta a imagem da perna da galinha numa pintura romântica. O efeito é estranho e maravilhoso. Em rotação e iluminado, o corpo cria uma fenda na tela perturbando a cena representada

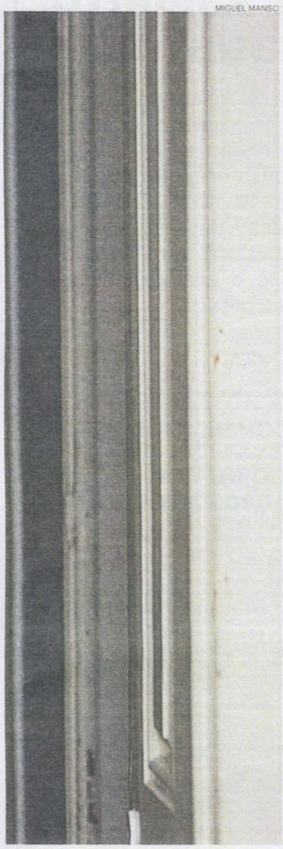
Inspirado na teoria materialista das imagens de Lucrécio, Sancho Silva criou na sala da KL uma atmosfera que nos inquieta (pelas criaturas, os monstros que a habitam), tanto quanto nos elucida (porque essas criaturas têm corpos). Recuperemos um excerto do poema do poeta e filósofo romano, que pode ser lido no texto de apresentação: "Concluo pois que cada corpo sempre/ Lançando está da superfície sua/ Tenues emanações, que o nome devem/ Ter de membrana ou cortical embrulho;/ Porque no aspecto são iguaes aos corpos/ Donde se elevam a fender os ares." Ora é uma contemplação das coisas que os corpos lançam que *Effigiae* nos propõe.

Suspensos do tecto, um polvo seco e uma armadilha giram em simultâneo e criam, sob o efeito de um *strobe*, uma imagem compósita: o corpo no interior da armadilha. De uma pedra presa na parede "solta-se" um molde no qual se projecta, através de uma lente, a sombra de uma osga seca. Molde e corpo sobrepõem-se e a sombra deste confunde-se, na principal parede da sala, com outra sombra projectada: a da perna de uma galinha. Sombras, lentes, membranas, peles criam ilusões. Monstros, seres indefiníveis, que uma vez postos em relação denunciam aquilo de que são feitos: matéria. Esta dedução deve ser entendida no contexto da crítica que Sancho Silva dirige à padronização a que os poderes sujeitam a visão. "A padronização ocorre sempre que o leque do possível, das escolhas possíveis, se vê limitado ao real. Quando o futuro se dissolve no presente, num destino mecânico evidente, incontornável e unívoco", diz o artista ao PÚBLICO. "Hoje, nos países desenvolvidos, [a padronização] aparece muitas vezes camuflada em diversidade. Temos a impressão

BRUNO LOPES



MIGUEL MANSO



Sancho Silva criou na sala da Kunsthalle Lissabon uma atmosfera que nos inquieta

Sombras, lentes, membranas, peles criam ilusões

de termos muitas escolhas, talvez até demasiadas. Esquecemo-nos dos inúmeros diferentes mundos possíveis que existem a todo o momento como sombras do mundo real."

Resgatar o real

Effigiae constrói-se exactamente como uma recuperação dessas sombras e, sublinha o artista, "como crítica da degradação da visão, na medida em que tenta recuperar o possível das garras do real", pois a "questão central [de *Effigiae*] não é o que é a visão ou a percepção, mas o que estas poderiam ser". "O pensamento, filosófico ou artístico, é neste sentido sempre uma tentativa de resgate."

Este é o momento na conversa para confrontar o artista com a sua formação em Matemática. O que o levou desta disciplina aos estudos em filosofia e à prática artística? "Senti que era altura de partir para outros mundos. A matemática dá-nos o prazer de formas bem definidas, claras e consensuais. Mas para isso paga um preço demasiado caro para mim. Fecha as janelas à confusão do mundo, àquilo que apenas se vislumbra, que se encontra em mutação. Não que o matemático viva fora do mundo. Pelas frinchas das janelas entra um pequeno fluxo de confusão de que se alimenta, purificando-o e ordenando-o. Continuo a gostar muito de matemática. Talvez um dia nos reencontremos."

Regressemos às sombras. Uma lente projecta a imagem da perna da galinha numa pintura romântica. O efeito é estranho e maravilhoso. Em rotação e iluminado, o corpo cria uma fenda na superfície da tela perturbando a cena representada: o bucólico encontro no campo partilha o espaço com um fenómeno potencialmente ameaçador: outra ilusão. Na parede, vemos mais uma sombra projectada. É a do corpo de um sapo que se sobrepõe, por meio de uma lente, à imagem de um molde de gesso de um pé. Duas sombras criam uma nova sombra ou a ilusão de narrativa (o que aconteceu ao sapo?).

A luz natural também está presente na exposição. Aparece por intermédio de um buraco e de uma *camera obscura* e detém-se na "membrana" (no molde) de um pedaço suspenso de cortiça. Este é a superfície onde vemos, sobretudo de dia, a imagem invertida das árvores da Avenida da Liberdade. A utilização pelo artista deste procedimento motiva uma questão. Depois de décadas a explorarem a tecnologia do vídeo, entre outras, como explicar o acentuado interesse (no contexto português e não só) pelos dispositivos pré-cinemáticos? "Com o tempo, numa espécie de selecção não natural, o cinema tornou-se no dispositivo padrão, tendo sido incorporado no real", sugere Sancho Silva. "Não creio que esse regresso seja mero movimento nostálgico, mas antes, mais uma vez, uma tentativa de salvação do possível que se encontra enterrado sob as ruínas do real."

Corte de 30% na Casa da Música leva à demissão da administração em bloco

Orçamento
Cláudia Carvalho e Joana Amaral Cardoso

Secretaria de Estado da Cultura lamenta a decisão e diz-se empenhada no projecto da Casa da Música

A administração da Casa da Música, no Porto, presidida por José Manuel Dias da Fonseca, demitiu-se em bloco ontem, em protesto contra os cortes orçamentais de 30% anunciados pelo secretário de Estado da Cultura, Jorge Barreto Xavier. O conselho de administração, que se mantém em funções até nova nomeação, que deverá acontecer em Março, alegou não estarem reunidas as condições "que, até hoje, garantiram o sucesso da fundação".

Ao PÚBLICO, o gabinete do secretário de Estado da Cultura reagiu lamentando a decisão da administração. "Manifestamos o nosso empenho na continuação do projecto da Casa da Música."

Para os administradores, o Estado revelou-se "incapaz de reconhecer" que já existia um acordo anteriormente negociado com o ex-secretário de Estado, Francisco José Viegas, em como os cortes ficariam nos 20%. Na prática, a verba atribuída anualmente pelo Estado à Casa da Música, segundo o acordo firmado em 2006, é de dez milhões de euros. Com o corte de 20% acordado com Francisco José Viegas, anterior secretário de Estado da Cultura, a tranche estatal para 2012 (e para 2013) corresponderia a oito milhões de euros. Mas o novo secretário de Estado da Cultura, Jorge Barreto Xavier, já avançara que o Orçamento do Estado para 2013 previa que a Casa da Música fosse abrangida pelo corte de 30% nos apoios do Estado às fundações, o que implica a perda de mais um milhão de euros para a instituição.

A 30 de Novembro, Barreto Xavier reuniu-se com o conselho de fundadores da Casa da Música para reiterar a intenção de operar este mesmo corte. "Para surpresa nossa, ele veio dizer que não havia acordo nenhum! E que o corte para este ano e o próximo era de 30%, inegociáveis", disse na semana passada à Visão o administrador-delegado da Fundação, Nuno Azevedo.

Na mesma entrevista, Nuno Azevedo disse que com uma dotação estatal de sete milhões de euros a Casa da Música poderia continuar a funcionar ao "recorrer aos fundos da Fundação, para financiar o incumprimento [do Estado] em 2012 e em 2013. Mas seria altamente prejudicial, porque os fundos ficariam quase esgotados". Ontem, o administrador não prestou mais declarações além do comunicado.

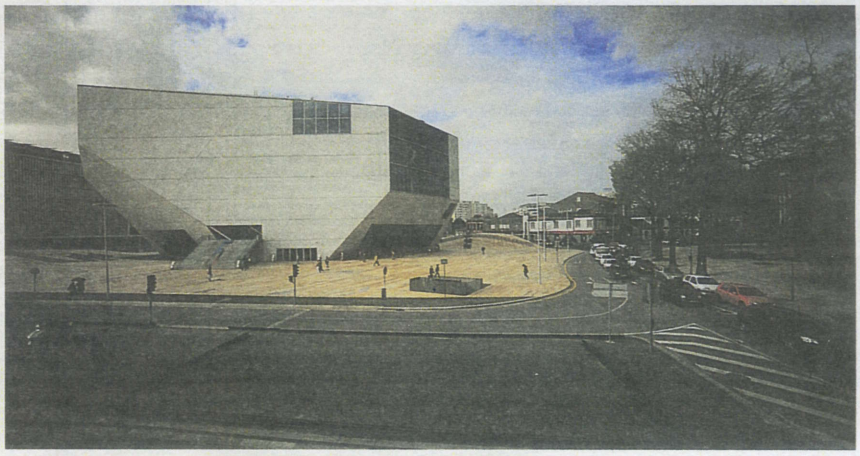
O conselho de administração, que foi reconduzido pelo Conselho de Fundadores da Casa da Música (quase) integralmente em Abril deste ano para o triénio 2012

2014, era constituído por Maria Amélia Cupertino de Miranda, Rui Amorim de Sousa, Nuno Azevedo, José Luís Borges Coelho e Cristina Amorim de Sousa. Na altura, o conselho de fundadores alegou que a estabilidade da Casa da Música, num momento de crise, passava pela manutenção do actual conselho de administração. Esta terça-feira, na sequência da demissão, os fundadores emitiram também um comunicado em que explicam terem tomado "conhecimento com mágoa da renúncia" dos administradores, "motivada pelo incumprimento das perspectivas que lhe foram criadas para o exercício da sua actividade".

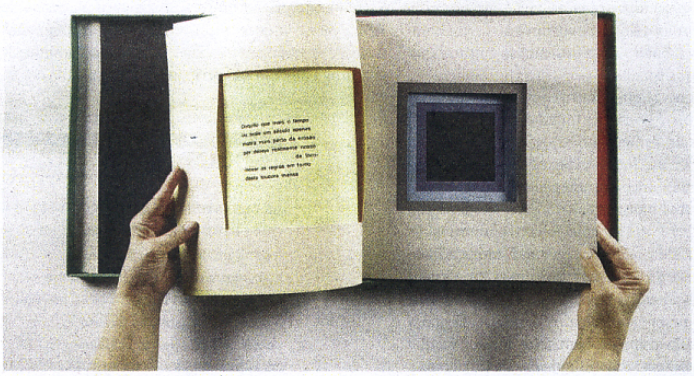
Sobre a decisão de manter o corte de 30%, o conselho de administração lembra ainda o recente Censo às Fundações, no qual a Casa da Música foi avaliada negativamente. "Ou seja, o Estado [...] insiste na inevitabilidade de uma redução suplementar que vai para além do que é economicamente sustentável, refugiando-se neste incidente administrativo e legal para justificar o incumprimento do acordo de Abril deste ano, quer em relação ao valor do financiamento para o exercício 2012, que agora termina, quer em relação a 2013, e, mesmo, para os anos futuros."

"Em terceiro lugar e por último, o Estado deu a entender, na reunião do Conselho de Fundadores no final do mês passado, que o Conselho de Administração não teria sido prudente em avançar com a execução do plano de actividades em 2012 e com a preparação do ano de 2013 apenas com base na palavra do anterior secretário de Estado da Cultura, mesmo tendo sido proferida em sede de Conselho de Fundadores", conclui a nota dos administradores. **com I.C.**

PAULO PIMENTA



Administração que renunciou ao cargo fica até nova nomeação



CARLOS AZEVEDO

ALBERTO FRIAS

O ANO ANTERIOR

Um ano de oferta diversificada e marcado pela ansiedade em relação ao futuro

Texto **Celso Martins**

Se tudo correr mal — e há uma boa probabilidade de correr —, 2012 ficará conhecido como o ano anterior ao orçamento apocalíptico de Vítor Gaspar, o ano em que a economia ainda funcionava, as fundações dedicadas à cultura organizavam exposições, os artistas expunham e vendiam o seu trabalho a quem ainda tinha algum dinheiro para comprar. Olhe-se para 2012 da perspetiva de 2011 ou antecipando 2013 e a marca que sobrevive é a de uma enorme inquietação com o futuro da criação artística. No resto, tudo funcionou. Na verdade, a crise é uma palavra constante nos desabafos de galeristas, artistas e outros agentes associados ao meio das artes plásticas, mas em 2012 nenhuma galeria portuguesa importante faliu; a Fundação de Serralves continuou a apresentar importantes exposições internacionais; a Coleção Berardo mantém-se em Belém para quem a queira ver; e as instituições privadas parecem ainda capazes de exibir mostras ambiciosas ("As Idades do Mar", na Gulbenkian, é um exemplo).

ESCOLHAS

TAREFAS INFINITAS – QUANDO A ARTE E O LIVRO SE ILIMITAM
Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa

LOCUS SOLUS – IMPRESSÕES DE RAYMOND ROUSSEL
MAC Serralves, Porto

AS IDADES DO MAR
Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa

JOSEF ALBERS NA AMÉRICA
CAMJAP, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa

MUSEU É O MUNDO
Hélio Oiticica
Museu Coleção Berardo, Lisboa

ATOL – DEUSES INÚTEIS
Gonçalo Pena
Galeria Zé dos Bois, Lisboa

ANTÓNIO PALOLO – OS FILMES
Culturgest, Lisboa

EFFIGIAE
Sancho Silva
Kunsthalle Lissabon, Lisboa

IMAGES OR SHADOWS
Gerard Byrne
CAMJAP, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa

TEMPOS DE POEIRA
Rui Pedro Jorge
Galeria 111, Lisboa

Obras das exposições "As Idades do Mar" (em cima) e (em baixo, da esq. para a dir.) "Tarefas Infinitas", ambas na Gulbenkian, "Museu É o Mundo", de Hélio Oiticica, e "Effigiae", de Sancho Silva, entre as boas memórias de 2012

Mas, para as artes, o acontecimento incontornável do ano foi a realização da Capital Europeia da Cultura, em Guimarães, que por um ano conseguiu deslocar para o extremo norte do país boa parte da oferta cultural. Ancorada na participação de alguns nomes seguros da cena artística internacional (Christian Boltanski e Michelangelo Pistoletto, entre outros) e sobretudo numa prática curatorial laboratorial e virada para o espaço público, Guimarães 2012 foi um êxito de adesão popular, mas só será verdadeiramente julgada no tempo longo, quando se puder ver o que ficou de estruturante e permanente na formação de públicos, no hábito de produzir e consumir, além da efémera energia destes meses.

Entretanto, o país inteiro prepara-se para resistir à penúria e isso, no que às artes diz respeito, pode significar o deserto ou uma oportunidade de improvisar e imaginar outros caminhos. Porque quando tudo o que rodeia a arte desaparece, só fica mesmo a arte. Valha-nos isso. Λ

*17

EXPOSIÇÃO *17
PAULO NOZOLINO
USURA

DE 20 DE SETEMBRO A 4 DE JANEIRO

Curadoria: Sérgio Mah

ENTRADA GRATUITA

BES
ARTE & FINANÇA

MORADA
Praça Marquês de Pombal nº3, 1250-161 Lisboa
TELEFONE
21 350 89 75
HORÁRIO
Segunda a Sexta das 9h às 19h
EMAIL
besarte.financa@bes.pt
SITE
www.bes.pt/besarteefinanca
FACEBOOK
www.facebook.com/besarteefinan